

# Ato heroico sem medalha

Nas polícias militares, a percepção de o policial ser tratado como um trabalhador é diminuída, pois se constrói a figura do militar que está disposto a dar a vida pela missão

**Gilvan Gomes da Silva\***  
24 de fevereiro de 2021

TOMAZ SIVA/AGÊNCIA BRASIL



Unidade de Intervenção Tática do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) faz treinamento simulado de regaste de refém, no Rio de Janeiro

Em uma semana, dez policiais militares do Distrito Federal morreram em decorrência da Covid-19. Não há dados oficiais, porque a Polícia Militar do Distrito Federal não consolidou quantos policiais militares que estão na reserva morreram (policiais que deixaram o serviço ativo há menos de cinco anos, mas que podem ser convocados).

Mas há o dado que 18 policiais militares da ativa morreram. Segundo a apuração do *Jornal Metrôpoles*, o total da reserva seria de 30 policiais. Esse número é alarmante quando observado que a PMDF tem o menor número de letalidade policial no Brasil e há o menor índice de crimes violentos praticados contra agentes, segundo o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020*, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, não havendo morte de policial militar em decorrência do serviço nos últimos dois anos.

No início da pandemia, o comando da instituição estabeleceu protocolos para diminuir o risco de transmissão entre os policiais militares. Foram elaboradas portarias orientadoras de conduta (uso de máscara e de álcool gel), distribuição de álcool nas unidades,

implementação do teletrabalho para profissionais que têm risco maior comprovado de desenvolver a fase grave da doença.

Entretanto, a iniciativa não ocorreu de maneira eficiente, pois durante o policiamento nas constantes manifestações em favor do presidente Bolsonaro, houve relatos de que policiais compartilhavam equipamentos de proteção sem a devida higienização, o que ocasionou transmissão do vírus entre eles. Há relatos também de que policiais estão sendo contaminados ao realizarem abordagens e revistas pessoais ou veiculares.

Há ainda dois fatores que diminuem a eficácia das medidas oficiais adotadas, que estão no campo das medidas ocultas nas próprias relações sociais contemporâneas. O primeiro fator é a construção do *ethos* guerreiro. A profissão policial é uma atividade repleta de risco à saúde integral dos profissionais. Como destaca Christopher Dejours, há tecnologias para submeter trabalhadores e trabalhadoras a riscos incompensáveis e quase insuportáveis, física ou psicologicamente.

Assim, na PMDF, e nas demais polícias militares do Brasil, o *ethos* guerreiro distancia a percepção policial de serem trabalhadores, mas constrói a figura do militar que está disposto a dar a vida pela missão. Há diversos símbolos nesta construção, desde o juramento das praças ao concluir o curso de formação aos ritos fúnebres dos policiais mortos em serviço, que é compor a galeria de fotografias de policiais mortos e ter o enterro com honrarias militares (salva de tiro, toque de corneta, tropa em forma, entre outros).

Essa barreira da percepção diminui a possibilidade de construção de demandas por equipamentos de proteção individual e por protocolos para a diminuição do risco à saúde e até mesmo à vida, o que é comum em outras classes profissionais.

O segundo fator é o bolsonarismo. Fenômeno ressentido na sociedade brasileira, mas com raízes antigas, o bolsonarismo é entendido como um conjunto de convicções de cunho tradicional e conservador com roupagem liberal.

Mas considero que estas “convicções” são flexíveis, por orientação das narrativas construídas a partir dos fatos apresentados para manter a mobilização sistêmica de parte da sociedade brasileira a partir da estimulação de conflito para a manutenção de um grupo no poder.

A influência do bolsonarismo nas instituições militares do Brasil ficou nítida nas eleições em 2018, com a filiação, candidatura e eleição de diversos policiais. A “líquida” narrativa construída pelo presidente Jair Bolsonaro acerca da pandemia e da gravidade das consequências da Covid-19 se refletiram na PMDF.

Assim, à medida que fatos novos foram apresentados e comprovaram a narrativa científica (número crescente de mortos, óbitos de pessoas jovens e transmissão de jovens para idosos, impacto no quantitativo de trabalhadores aptos para trabalhar ineficácia de tratamento precoce, eficácia da vacina), ela foi adaptada, mas as consequências das ações de outrora já eram evidentes.

Isso estimulou ações individualizadas de falta de proteção como, por exemplo, o uso de máscara e distanciamento, tendo como resultado o aumento de transmissão; mas também estimulou ações consideradas institucionais. Da mesma forma que o presidente era contra o fechamento de escolas, a PMDF manteve os cursos de formação profissional e continuada na modalidade presencial.

No curso de formação de oficiais, 85 cadetes testaram positivo. Já no curso de aperfeiçoamento de praças, houve uma morte por coronavírus. Só então suspenderam as aulas. Não houve determinação de dispersar aglomerações nas manifestações políticas (a maioria foi de apoio ao presidente), nas quais, historicamente, são usadas técnicas de controle de distúrbio civil.

Analisar fatos que estão em curso é um risco. Todavia, frente à fatalidade, isso se faz necessário. Estabelecer causa e efeito da morte policial militar também, pois após o contágio há a incubação sem sintomas, que dificulta a certeza do momento do contágio. Porém, a atividade policial militar é de risco, e ganhou contornos de exposição ao contágio na pandemia.

E os fatores ser guerreiro e bolsonarismo são o pano de fundo que enlutou uma instituição na qual não havia morte em serviço. O que tornou o ato heroico do policial militar, de dar a vida para a defesa da sociedade, em um enterro sem glórias militares, sem reconhecimento na galeria de tombados em combate, sem o toque de corneta e na solidão dos protocolos sanitários.

#### **Gilvan Gomes da Silva**

Formado em Antropologia e em Sociologia, cursou o mestrado e o doutorado em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia pela mesma instituição, a Universidade de Brasília, onde atualmente é membro do Núcleo de Estudo sobre Violência e Segurança - NEVIS/UnB e professor colaborador. É membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

